

Uma compaixão sem limites

A opção pela alegria não significa uma fuga para longe dos problemas da vida. Pelo contrário, ela permite olhar para a realidade que está à nossa frente e até mesmo para o sofrimento. A opção pela alegria é inseparável da opção pelo homem. Ela enche-nos de uma compaixão sem limites. (Irmão Alois, Carta do Chile)

Marlon (Zâmbia)

Foi apenas quando perdi os meus pais que eu compreendi o que significa ser pobre: vivia sem-abrigo, tinha o estômago vazio, por vezes durante várias semanas, e praticamente não tinha roupa para vestir. Não tinha amigos, porque os vizinhos não gostam dos pobres. Passei muitas horas de grande solidão.

Nesta experiência dolorosa, Deus mudou-me dando-me um coração novo, com o desejo de poder ajudar os pobres sempre presente, especialmente os órfãos, pois eu próprio passei por essa experiência. Depois da fase dolorosa por que passei, Deus abençoou a minha vida. Deu-me um pai extraordinário, que me adoptou quando eu tinha 16 anos e que me ama tal como eu sou. Quando mais damos mais recebemos; Deus ama aqueles que dão com alegria.

Sermos testemunhas da comunhão supõe a coragem de ir contra a corrente. O Espírito Santo dar-nos-á a imaginação necessária para encontrar os meios de nos tornarmos próximos dos que sofrem, escutá-los e deixarmo-nos tocar pelas situações de angústia.

Hesta (África do Sul)

Eu acho que a diferença entre os seres humanos e as outras criaturas de Deus é o facto de nós não termos sido criados apenas para existir e sobreviver, mas em primeiro lugar para vivermos em união uns com os outros. Cada um de nós tem sofrimentos enquanto vive na terra, pois as provações fazem sempre parte da vida. Este sofrimento pode dever-se às feridas da vida ou às nossas próprias lutas interiores.

A nossa missão enquanto cristãos é de ajudarmos os outros a libertarem-se deste sofrimento. É por isso que precisamos de uma comunidade. Sim, a alegria profunda, que apenas pode vir de Deus, só pode estar presente em nós se vivermos juntos, pois a felicidade só é verdadeira se for partilhada.

Se as nossas comunidades, as nossas paróquias e os nossos grupos de jovens se tornassem, sempre e antes de mais, lugares de bondade do coração e de confiança; lugares onde nos acolhêssemos uns aos outros, onde procurássemos compreender e ajudar o outro, lugares onde estivéssemos atentos aos mais fracos, aos que não pertencem ao nosso círculo habitual, aos que são mais pobres do que nós!

Ignacio (Argentina)

Em Rio La Barquita, na fronteira entre a Argentina e o Uruguai, há uma pequena comunidade que vive do trabalho de cortar juncos e algumas espécies de árvores. A vida é verdadeiramente difícil nesta aldeia: entre os muitos problemas que existem, o mau tempo pode destruir dez dias de trabalho.

Durante o Verão, um grupo de jovens acompanhados por um padre vão partilhar o quotidiano destas famílias, sem levarem soluções à sua situação económica ou social, mas simplesmente procurando partilhar o amor de Deus. E tentar mostrar que mesmo nas situações mais rudimentares, Deus está próximo e não se esquece de ninguém. Eu tinha quinze anos quando fiz a minha primeira missão. Foi uma experiência que mudou a minha forma de viver e de olhar para a vida.

Quando visitamos as casas destas pessoas e as conversas se tornam num verdadeiro diálogo de corações abertos ou quando jogamos com as crianças, podemos por vezes pressentir Jesus a dizer: «O que fizerdes ao mais pequeno dos meus irmãos é a mim que o fazeis».

Um dos sinais do nosso tempo é a bonita generosidade com que inúmeras pessoas ajudaram as vítimas das dramáticas catástrofes naturais. Como pode esta generosidade animar as nossas sociedades, mesmo na vida quotidiana?

A Kimiko, o Jeffrey, o Jun e o Isao (do Japão)

A Kimiko, o Jeffrey, o Jun e o Isao (do Japão), depois do sismo do mês de Março deste ano, enviaram vários e-mails a Taizé, que o Jens (da Alemanha) refere no texto que se segue. Através de todas estas mensagens, que recebemos dos nossos amigos no Japão durante os últimos meses, torna-se evidente que a solidariedade e a confiança mútua, mas

também a simples expressão da compaixão com uma palavra ou uma oração, ajudam muito mais do que por vezes podemos imaginar.

«Todas as mensagens que recebemos do estrangeiro nos apoiaram verdadeiramente», explica a Kimiko, uma jovem voluntária na região sinistrada de Sendai. «Por favor, continuem a rezar pelas pessoas desta região.» O Jeffrey, que vive em Sendai, explica-nos como vê a ajuda do exterior: «Vieram aqui muitas pessoas de fora para nos ajudar. Estou consciente que há toda uma rede de pessoas que se organizou para nos apoiar e rezar por nós.» O Jun, que foi voluntário em Taizé, também dá testemunho do apoio e do reconforto que as vítimas podem sentir graças à ajuda de pessoas que partilham o seu sofrimento: «Agradeço-vos infinitamente pelas vossas intenções e pelas vossas orações. Sentimo--nos mais fortes sabendo que não estamos abandonados. Recebi muitas mensagens nas últimas semanas; todas elas transmitiam orações e pensamentos para o Japão e os seus habitantes.»

Depois do terramoto, os encontros nas regiões sinistradas para tempos de partilha e oração em conjunto foram uma fonte de encorajamento e de perseverança para todos os cristãos. «Algumas horas depois do terramoto, quando ainda não havia autocarros nem comboios, rezámos numa das igrejas anglicanas», explica o Isao, de Tóquio.

Para além do reconforto que podemos encontrar na oração, houve uma vontade de entreatajuda que se desenvolveu de forma incrível entre os habitantes do Japão. A Kimiko explica: «O que aconteceu aqui foi aterrador, mas hoje senti-me tocada por todas estas pessoas com um coração tão caloroso. Conversei com pessoas que conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado. Vários desconhecidos ofereceram-se para nos ajudar, quando nos viram em dificuldades. Pude ver uma verdadeira solidariedade, que antes era invisível e que as pessoas pensavam inexistente na nossa sociedade.»

«Não são os teus bens que distribuis aos pobres, mas apenas lhes restituís o que lhes pertence. De facto, tu usurpas o que foi dado a todos para uso de todos. A terra pertence a todos e não aos ricos. Contudo, ela foi tomada por alguns em detrimento de todos os que a trabalham. Assim, estás a pagar uma dívida, o que é bem diferente de dar esmola de forma gratuita.» (Ambrósio de Milão, século IV)

Tatyana (Rússia)

Quando nos deparamos com situações de sofrimento, seja ao encontrar uma criança com uma doença grave ou um deficiente, sentimo-nos desanimados. Quando vemos esse sofrimento ficamos por vezes sem palavras: parece-nos demasiado doloroso abrir o nosso coração a esse sofrimento, demasiado perigoso sair do nosso conforto habitual ou simplesmente tentar pensar nisso. Temos sempre a possibilidade de escolher fugir, esconder ou pretender que esse sofrimento não existe nas nossas vidas.

Mas também podemos abrandar o ritmo das nossas vidas tão ocupadas, ousar um olhar, reconhecer a nossa incapacidade e dizer: «Não tenho muito amor, sou tão pobre como tu. Para Deus, tu és tão importante como eu. Não posso partilhar a tua vida, mas deixa-me estar ao teu lado na tua provação e estender-te a mão.»

A acumulação exagerada de bens materiais mata a alegria. Ela mantém-nos na inveja. A felicidade reside noutro lado: na escolha de um estilo de vida sóbrio, no trabalho não apenas com vista ao lucro mas para dar um sentido à existência, na partilha com os outros, cada um pode contribuir para criar um futuro de paz.

Daniel (Eslováquia)

Manifestar o nosso amor por Cristo não significa ir ao outro lado do mundo para mostrar tudo o que podemos fazer de bem pelos outros. Para mim, a expressão quotidiana do amor de Deus pode ser associada à noção de misericórdia. Quando o amor por Deus é uma forma de expressar a minha fé, então a misericórdia é a minha crença posta em prática. No início do século XX, esta mensagem do amor misericordioso de Deus tornou-se mais intensa através da vida de Santa Faustina Kowalska, que consagrou a sua curta mas rica e mística vida a uma relação intensa com Jesus. No seu diário, encontramos vários exemplos deste amor altruísta que podemos tentar pôr em prática.

Quando constato os meus limites compreendo que não posso fazer muitas coisas, mas na confiança que vem da minha fé posso entregar-me a Deus. E até uma fragilidade aparente se pode transformar nalgo que me ultrapassa, na misericórdia das pequenas acções quase invisíveis.